

FRONTEIRAS DA MEMÓRIA, IDENTIDADES
IMAGINADAS: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E
CULTURAL DAS FRONTEIRAS DA CARÉLIA NO
CONTEXTO DA EMANCIPAÇÃO FINLANDESA,
XIV-XIX

Marcos Saulo de Assis Nóbrega¹⁰¹

Artigo recebido em: 30/05/2016.

Artigo aceito em: 21/06/2016.

Resumo:

O objetivo deste artigo é analisar questões pertinentes a cultura da região fronteiriça da Carélia desde o século XIV, bem como assim lançar considerações sobre o processo de emancipação da Finlândia e seu processo de formação do ideário nacionalista no século XIX. A partir das considerações de Pentikäinen (1989), realizo uma análise sobre questões pertinentes sobre a cultura balto-fínica e sua influência na região da Carélia, esta que foi desde o século XIV dividida entre Finlandeses e Russos e acabou sendo o principal local de coleta de poemas e cânticos populares pelo etnógrafo Elias Lönnrot, dentro de um movimento de redescoberta da cultura popular, termo usado aqui a partir de Peter Burke (2010). Podemos perceber também a necessidade de ampliar o debate sobre história, literatura e nacionalismo com

¹⁰¹Graduado em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5023217959277520>. Membro do grupo de estudos História, Meio Ambiente e Questões Étnicas – UFCG. Contato: m_saulo18@hotmail.com

ressonâncias culturais, e neste caso específico a história carélia e finlandesa, algo pouquíssimo estudado na academia brasileira.

Palavras-chave: Carélia; Finlândia; Fronteiras; Cultura.

Abstract:

The purpose of this article is to analyze issues pertaining to culture the border region of Karelia since the fourteenth century and thus launch considerations about the process of emancipation of Finland and its nationalist ideology formation process in the nineteenth century. From considerations of Pentikäinen (1989), realize an analysis of relevant issues on the Balto-Finnic culture and its influence in the Karelia region, this one was from the fourteenth century divided between Finns and Russians and ended up being the main collection site popular poems and songs by ethnographer Elias Lönnrot, within a rediscovery movement of popular culture, a term used here from Peter Burke (2010). We can also realize the need to broaden the debate on history, literature and nationalism with cultural resonances, and in this particular case the Karelia and Finnish history, something very little studied in the Brazilian academy.

Keywords: Karelia; Finland; Border; Culture.

* * *

A construção argumentativa do presente artigo busca analisar questões pertinentes a cultura e identidade finlandesa e dos povos da região fronteira da Carélia. É exatamente a questão fronteira que nos suscita analisar uma série de questões referentes a região da Carélia, esta que foi dividida desde o século XIV, viu posteriormente tornar-se o palco de demandas complexas e históricas tanto para os finlandeses quanto para os russos. Além disso, pretende-se aqui também analisar

questões referentes ao uso da língua e da poesia popular finlandesa no momento que o movimento nacionalista Finlandês arregimentava-se.

No extremo norte da Europa, em especial a sua região setentrional continuava a ser uma fronteira a ser conquistada pelos reis e nobres cristãos. A conversão dos povos escandinavos arrastava-se e nem o declínio pós os anos 1000 das tribos escandinavas e do comércio, pirataria e espólio praticado pelos denominados Vikings melhorou a situação. Na Escandinávia, a Finlândia só irá iniciar de fato seu processo de cristianização a partir do século XIV.

Nos séculos XII e XIII, os exércitos cristãos dos reis francos, ingleses e germânicos etc. já percebiam que as tentativas de controle da longínqua Terra Santa eram impossíveis, enquanto o teatro de operações cristãs fechava as cortinas e seus atores retiravam suas tropas da Palestina, o norte da Europa era varrida por uma nova guerra religiosa, levada a cabo por príncipes suecos e dinamarqueses, além dos já experientes cavaleiros teutônicos para controlar as regiões próximas ao Mar Báltico até adentrar em regiões interioranas da atual Finlândia e dos Estados Bálticos.

A região do Báltico, atualmente compreendida de forma diminuta por Estônia, Letônia e Lituânia, na Idade Média exercia influência para regiões que hoje compreenderiam o oeste da atual Polônia, a Bielorrússia e Ucrânia. Etnicamente variada e multilinguística, também será no Báltico a última região dentro da Europa a ser convertida de fato ao cristianismo, a Lituânia só foi praticamente convertida ao cristianismo no século XIX (SCHAMA, 1996, p. 35), a gigantesca presença de grupos migratórios de judeus fugindo de pogroms da Europa oriental junto com a população originária rural ainda praticante de cultos “pagãos” fez do Báltico a última fronteira cristã dentro da Europa. Diferente da imposição religiosa cristã na Finlândia, que foi desde cedo imposta pelos suecos e mesmo sendo vizinha geograficamente aos Estados Bálticos “pagãos” daquele período, não houve uma resistência objetiva a assimilação do cristianismo na Finlândia.

Desde a metade dos anos de 1100 operações militares eram feitas na região, mas a escalada de violência só aumenta a partir de então, a diversidade étnica e religiosa da região era um foco de problema para a manutenção dos limites da fronteira cristã. Ressalto que parte dos povos que deram origem aos Finlandeses, Estonianos, Lapões e bem como os Carélios, são de origem das migrações oriundas dos Montes Urais, cadeia de montanha que delimita a fronteira entre a Europa e as estepes da Ásia.

O estabelecimento destes povos no entorno do Mar Báltico (Finlandeses e Estonianos) e nos extremos da região norte da Escandinávia (Lapões e Carélios) originou uma identidade étnica muito característica, apesar da imagem romântica contemporânea de englobar todos os povos escandinavos no termo Viking, fato originado a partir de uma série de representações artísticas romantizadas no século XIX da cultura germano-escandinava (LANGER, 2009, p. 137).

As tentativas de delinear as fronteiras Finlandesas sempre foi um processo complexo e dependente de outros fatores além da arena política e militar. Sendo um fato iniciado no século XIV essas demandas por território e ditos “espaços vitais” vai durar até o fim da segunda guerra mundial. Mesmo atualmente delimitadas essas fronteiras, o custo da imposição oficial de um limite simbólico vai separar uma das regiões mais antigas e ricas culturalmente do nordeste europeu, a Carélia, torna-se um território dividido e que por séculos foi marcada por tentativas de estabelecimento de posse, como guerras entre suecos e russos, posteriormente entre Finlandeses e Russos, e de certa forma também houve tentativas de substituição cultural naquela região de costumes muito originários ainda.

Formação étnica e linguística do leste da Escandinávia

Retornando um pouco no tempo, os povos originários da Finlândia diferem em muito a formação dos povos das demais regiões europeias, a começar pelo o

idioma falado pela maior parte das tribos da região. O Finlandês é um ramo linguístico das línguas Balto-Fínica, seus ramos provem das línguas Balto-Uralicas, e não possui relação com o tronco linguístico Indo-Europeu falado no restante da Europa, no Cáucaso, no Oriente Médio até a Índia. As línguas Urálicas como o nome já antecipa teve sua formação próximo aos Montes Urais na atual Rússia europeia, “fronteira natural” da Europa com a Ásia. Em sua origem não possuía contato com o outro ramo dominante das línguas pelo mundo, o ramo Indo-Europeu, as línguas Urálicas originaram algumas dezenas de línguas ainda faladas hoje e outras centenas de dialetos vivos e extintos, cobrindo das regiões do Mar Báltico até o extremo-leste da atual Rússia, possuindo até possíveis ligações a se comprovar com línguas Mongólicas e dialetos Nipônicos. Diversas migrações alguns milênios antes de Cristo levaram algumas línguas já um pouco desenvolvidas e centenas de dialetos para cada vez mais dirigir-se ao oeste, atravessando assim a cadeia dos Urais para estabelecer-se também no extremo norte da Europa, nas áreas banhadas pelo báltico e regiões centrais da Rússia Europeia. A maioria dos dialetos e línguas Urálicas acabou caindo em desuso por alguns fatores como a assimilação de outras línguas vizinhas e a extinção em parte de povos falantes delas. Quase que no mesmo período temos as expansão e desenvolvimento das línguas Indo-Europeias provavelmente originárias de áreas do Cáucaso, Ucrânia, Turquia e do sul da Rússia chegando a áreas da atual França como também ao vale do Ganges da Índia.

O idioma Finlandês só vai experimentar alguma mistura a partir do século XIII, quando as línguas Germano-Escandinavas e Eslavas começam a dominar a região, até então é uma língua com algum desenvolvimento fonético e simbólico. A datação documental mais precisa da língua Finlandesa gira em torno de 1100-1200 d.C. a partir de uma inscrição encontrada em uma casca de Vidoeiro. A partir de Fuentes (2007, p. 338 apud DÉCSY, 1990, p. 12-13) podemos organizar assim de forma objetiva os principais troncos linguísticos até o ramo Balto-Fínico onde o Finlandês, mesmo que sendo o arcaico origina-se:

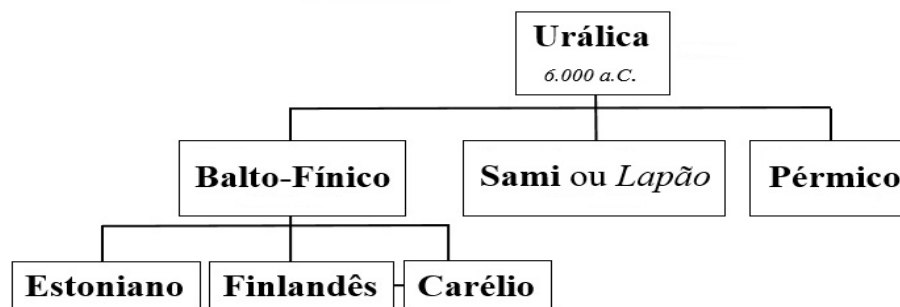


Figura 01 – Estrutura de divisão resumida da Língua Urálica até suas principais subdivisões para o tronco linguístico Balto-Fínico. FONTE: FUENTE, 2007, p. 338 *apud* DÉCSY, 1990, p. 12-13. Figura elaborada pelo o Autor.

O povo Finlandês ou Finês - *Suomalaiset*, no idioma original - origina-se em áreas do sul do atual território da Finlândia - *Suomi* - que são originários das migrações vindas dos Urais, expandem-se aos poucos para as áreas do norte até entrar em contato com outro povo, os Sami ou também conhecidos como Lapões. Essa distribuição espacial influenciará no sentido simbólico de espaço da epopeia da Kalevala¹⁰², temática que será novamente abordada no decorrer do artigo, onde o povo habitante da mítica *Kaleva*, região sul e lar dos fineses empreende conquistas e aventuras até *Pohjola*, região norte, lar dos Sami e descrita como lugar de maldições, frio e doenças onde só a magia e poder dos seres nascido na sagrada terra de Kaleva é capaz de debelar.

A delimitação fronteiriça da Finlândia, uma contextualização

¹⁰² Dada a complexidade e tamanho dos fatos narrados na Kalevala, uma descrição total tornar-se-á enfadonha tanto quanto desnecessária. Assim de forma básica a estória da Kalevala gira em torno de quatro personagens principais: Vainamoinen (Bardo e Xamã), Ilmarinen (Ferreiro), Lemminkäinen (Guerreiro) - heróis - e Kullervo, figura trágica e em alguns momentos anti-herói da epopeia, estes dominam de fato praticamente toda a poesia da Kalevala. Há uma vasta quantidade de personagens nos mitos que formaram a Kalevala, mas o bardo Vainamoinen destaca-se em toda a história causada pela sua origem divina e sua poesia, música e uso de magia.

A quantidade de empreitadas militares na Europa setentrional nos anos de 1200 d.C. sob a bandeira da cristianização vai levar a guerra aberta e conflitos localizados entre os exércitos cristãos. Áreas da Finlândia e ao sul da atual Estônia ficam por curtos períodos de tempo sob controle de suecos, dinamarqueses, teutônicos e eslavos que se revezam no controle até que outro exército cristão venha invadir e expulsar áreas já em processo de cristianização. Foi por volta de 1238 d.C. (KLINGE, 1989, p. 12) que a Suécia dá início a segunda cruzada do norte e começa a estabelecer assentamento permanentes para colonos suecos e tribos Finlandeses “amigos” em zonas litorâneas do sul da Finlândia.

Um fato a ser considerado para compreender essa expansão sueca para fronteiras cada vez mais orientais foi a chegada da cavalaria mongol desfraldando bandeiras na Europa oriental. Em abril de 1223, o general mongol Subodei está praticamente dentro dos domínios eslavos, nas proximidades do rio Dnieper, o caos criado pelas lendas já conhecidas na Europa oriental, Ásia Central e Oriente Médio das hordas mongóis vai levar a uma aparente união momentânea na nobreza eslava para repelir o invasor, que na verdade o único motivo para retirar-se da região foi a distância de manter a poderosa cavalaria mongol, a pobreza campesina do local e pouco desenvolvimento urbano-comercial que em nada lembrava os saques volumosos pela Ásia central, na China ou na Índia que fizeram a riqueza de Gengis Khan e seus descendentes por séculos. Por décadas depois a nobreza eslava será tributária ao controle mongol. Os principados eslavos só vão realmente representar alguma força considerável de poder no leste da Europa a partir do século XV e XVI, quando sua unificação prática inicia-se sob a tutela da nobreza moscovita, até a chegada das hordas mongóis e o estabelecimento de principados tributários as cidades livres e principados eslavos são apenas uma força sazonal, com um poder considerável, mas não algo que iniba as pretensões suecas para as fronteiras cada vez mais a leste da Finlândia.

No eclipse criado no mundo eslavo pelos mongóis na invasão da Europa oriental permitiu a Suécia a iniciar outra expansão até as proximidades da atual cidade russa de São Petersburgo (KLINGE, 1989. p. 15), que na era soviética foi chamada de Leningrado, mas foi no período czarista que a cidade de São Petersburgo (ou Petrogrado) desfrutou de ser a sede do império e da complexa nobreza. Em 1240 d.C. na mesma região foi retomada pelo principado de Novgorod e iniciada guerra aberta entre os suecos católicos e os eslavos ortodoxos pelo controle estratégico da Finlândia, que culturalmente estava cada vez mais próxima dos Suecos.

Nas batalhas pelo controle da Finlândia será convocada novamente pela Suécia uma nova cruzada, essa já é a terceira cruzada e partir do ano de 1300 d.C. a Suécia dará início a uma série de edificações militares pelo litoral Finlandês a fim de garantir a posse da terra e facilitar as atividades de guerra de repelir o inimigo eslavo, o principado de Novgorod - futura Rússia - bem como estabelecer também marco de posse religioso católico em meio a regiões já ortodoxas.

O primeiro tratado fronteiriço entres as partes só veio em 1323, no tratado de Pähkinäsaari, a região da Carélia foi partida em duas, a parte oeste sob controle sueco, porém habitada por Finlandeses-católicos, a parte oriental controlada por Novgorod, mas habitada por Carélios e Finlandeses convertidos ao cristianismo ortodoxo, porém ainda inicialmente mantendo fortes laços com os Carélios que habitam a parte oeste da histórica Carélia.

A Suécia fortalecia-se como a potência do extremo norte da Europa, dominava além da Finlândia a Noruega, de certa forma exerce influência na distante Islândia e em muitas regiões da Dinamarca. De Novgorod nasceu o Principado de Moscou que aos poucos e por séculos em diante expandia suas fronteiras de leste a oeste. A União Escandinava - Kalmar - era o centro de comércio no norte da Europa e mantinha as regiões vizinhas da Suécia como dito anteriormente sob sua tutela, nesse período aparente de paz mudanças importantes começam a ocorrer dentro da Finlândia, principalmente nas questões da posse da terra pelos senhores dos feudos e a Reforma

protestante que chega a Suécia e nas áreas que dominava. Os nobres suecos ganhavam além dos prêmios naturais de espólio, o direito a posse de terras na fronteira com a Rússia, isso valia até mesmo aos nobres de título mais baixo, bem como oficiais de destaque. A Finlândia que inicialmente foi habitada por seus povos no sul e esparsamente ao norte, com a chegada definitiva dos suecos torna o sul do país praticamente habitado e conhecido, as regiões do norte - Lapônia - e na fronteira com a Rússia continuava a ser o problema, assim na política de distribuir terras para habitar aquelas planícies geladas da Lapônia e da região fronteira da Carélia surgem os pequenos conflitos com a população originária, pois naturalmente eles habitavam as florestas e terras próximas, elas que ainda não havia sido tocadas pelos finlandeses originários do sul e pelos senhores suecos. Na década de 1440 leis de terra foram promulgadas, até chegar no ano de 1542 onde áreas florestais seriam de controle da coroa sueca (KLINGE, 1989. p. 29) e entregues para favorecidos da coroa para iniciar habitação e utilização das terras.

De 1558 até o início do século XIX a Suécia e a Rússia vão travar oito guerras diretas e outras mais em conflitos indiretos em alianças militares nada claras. Os limites entre russos e a suecos já são uma contenda histórica, apesar de acordos fronteiriços a tensão e desconfianças são mútuas Destaco inicialmente a primeira dessa série de conflitos, a Guerra da Livônia de 1558 até 1582, onde uma aliança militar formada pela Suécia, Noruega-Dinamarca e a Polônia afastam os russos temporariamente da atual região dos Estados Bálticos. A partir de 1700 inicia-se a Guerra do Norte ou a Grande Guerra do Norte que dura até 1721, entre conquistas e perdas, a guerra é mais de movimentação tática e de vitórias curtas, áreas conquistadas são rapidamente perdidas de ambos os lados.

A Grande Guerra do Norte selará o fim do prestígio da Suécia entre as potências da região, além de ser um presságio para novas perdas que a Suécia terá, mesmo o alto custo da guerra para as alianças envolvidas na guerra, a Rússia nesse

período acaba fortalecendo-se a todo custo. A Finlândia estava ali, do outro lado do mar que banhava a capital do czar.

A Guerra Finlandesa de 1808-1809 deve ser compreendida dentro dos conflitos levados a cabo por Napoleão Bonaparte. A Suécia mantinha uma posição neutra, porém a Rússia aproveita-se da situação e invade o reino sueco. Das guerras sueco-russas, a guerra iniciada em 1808 foi uma das mais rápidas em ações e com desfecho não menos rápido. A invasão da Finlândia e a posterior ocupação não foi alvo dos acordos entre as nações inimigas da França nos termos assinados em Viena, a Finlândia na prática desde 1808 já era posse definitiva russa, a Suécia não teria forças para repelir os russos, pois mal garantiria o território original da Suécia. Na passagem dos séculos XVII e XVIII, a corte sueca direcionou importante atenção a Finlândia, instituições de ensino, de cultura, direito foram entregues a aristocracia e burocracia local que crescia, após séculos de dominação, a identidade de elite local, diga-se aristocratas, nobres de patente militar e profissionais a serviço do estado possuíam essa cultura híbrida, sueco-finlandesa, falava-se o idioma do dominador, e por séculos grandes livros em Finlandês caíram em desuso, porém as populações do campo, trabalhadores das cidades e a pequena burguesia resistia com costumes próprios, pouco foi alterado, a religião foi talvez a maior mudança posta em prática pelos conquistadores, mas mesmo assim o julgo sueco foi desfeito, e agora eram os senhores de São Petersburgo que mandavam no território conquistado. O início do século XIX foi a aurora do Império Russo e o crepúsculo do antigo Império da Suécia, estes que foram monarquias que se desenvolveram contemporaneamente acabou sendo o estado russo o algoz dos suecos.

A Finlândia recebe o título de Grão Ducado, isso garantia controle direto aos poderes do Czar e mantinha estrita aliança com a aristocracia e nobreza local. Apesar de oficialmente só estabelecer o controle sobre a Finlândia a partir de 1808, a Rússia nunca negou suas intenções de um controle total ou pelo menos tutelar sobre uma Finlândia independente, já no século XVIII a Rússia oferecia-se para apoio e proteção

(KIRKINEN, 1971, p. 25) de um possível estado livre finlandês quando senão apoiando conspirações de líderes locais finlandeses. Dessa conquista territorial um fator interessante foi a união dos antigos territórios finlandeses que foram perdidos para os eslavos desde o século XIV, quando a Finlândia ainda era uma possessão sueca, como os territórios da Carélia e da Íngria e agora foram reunificados sob a égide do Grão-Ducado da Finlândia, estas mesmas regiões conservavam boa parte as canções e contos populares que formariam a futura Kalevala e por onde Elias Lönnrot os coletou quando por elas viajou.

O pensamento de emancipação também acaba tomando corpo durante a dominação russa. Só havia uma universidade na Finlândia, a elite local era lá formada e as correntes políticas facilitavam opiniões unânimes sobre o destino do país que chamava atenção cada vez mais do Czar, este por fim permitindo o funcionamento de um parlamento local além de instituições burocráticas sendo administrados pela população local. Foi a emergência de novos fatores décadas depois que começou a fomentar os futuros alicerces discursivos em uma autonomia política total. Nessa Rússia de absolutistas e reformadores, a língua era um fator de conflito, Finlandês e em menor número o Sueco era falado pela população mais simples, o Sueco dominava as classes mais altas e o russo era falado a contragosto pelos aristocratas e burocratas, publicações de porte na língua nacional há séculos não eram feitas, mas as transformações que a Finlândia passava terão novos caminhos, um grande tributário nesse longo caminho até a independência foi a publicação da Kalevala em 1835, em Finlandês!

Cultura popular ou romantismo nacional?

Elias Lönnrot nasce em 1802, pouco antes da invasão russa de 1808, na região mais ao sul da Finlândia - Uusimaa - consequentemente uma das mais urbanizadas

áreas finlandesas e predominantemente falante de sueco, essas primeiras experiências vão influenciar posteriormente a guinada nos seus estudos na idade adulta. Lönnrot forma-se em medicina em 1832 e logo é enviado para realizar trabalhos pelo interior do da Finlândia, tal fato vai definir de vez as influencias que recebeu ainda no período universitário, pois trabalhando no interior do país finalmente ele terá contato direto com os cânticos populares que levaram a organização da Kalevala. Seu trabalho de campo não resumiu-se apenas a pesquisa no interior original Finlandês, mas as canções mais antigas e que conservavam os aspectos originais dos cânticos Lönnrot só veio de fato encontrar na região da Carélia (OLIVEIRA, 1949, p. 133) que após a independência finlandesa de 1917 e a segunda guerra mundial foi novamente partida entre finlandeses e russos, e muitas das localidades visitadas por Lönnrot ficaram sobre controle soviético, posteriormente russo.

Devemos compreender a busca empreendida por Lönnrot como uma parte de um grande movimento maior que ocorria na Europa, principalmente entre os séculos XVIII e XIX, como observa Burke (2010, p. 26) “quando a cultura popular tradicional estava justamente começando a desaparecer, que o “povo [...] se converteu num tema de interesse para os intelectuais europeus” Burke também traz “Para alguns intelectuais, principalmente no final do século XVIII o povo era interessante de uma certa forma exótica, no início do século XIX, em contraposição, havia um culto ao povo” (Burke, 2010, p.33) assim compreendemos essa redescoberta de práticas culturais foi em suma um projeto de setores sociais mais elevados, que podia ser projetos pessoais de pesquisa ou em grupos. Tais empreendimentos de compreensão de uma *cultura popular* eram ao mesmo tempo uma prática voltada ao mundo social que viviam e que dedicavam suas pesquisas, publicações etc. também influenciava movimentos semelhantes pelo pela Europa principalmente, publicações sobre poesia, contos e canções populares floresciam em alemão, italiano, sérvio, russo etc. todos buscavam compreender as suas raízes culturais que “perdia-se” com a modernidade que se formava, quando fatores como por exemplo a expansão das cidades e dos meios de ligação de transporte e a alfabetização corroíam o sentido quase idílico que

o mundo primitivo e principalmente tradicional tinha assumidos a todos os linguistas, escritores, poetas etc. (BURKE, 2010, p. 42).

A perspectiva empreendida por Elias Lönnrot possuía algumas características básicas, pois diferente de outras línguas desse movimento cultural, que a língua vernácula possuía mais espaço de prática - a exceção do Italiano e seus inúmeros dialetos ainda não formavam uma grande língua vernácula - e espaço de publicação o Finlandês era confinado ao interior e as populações mais pobres, pois mesmo nas cortes que por exemplo assimilaram o francês (e o germânico em menor escala no século XIX) no século XVII e XVIII para obter status entre seus pares, a língua local era muito mais falada e publicada. Esse fator linguístico dispare dialoga com a proposição feita por Peter Burke mais de um século depois, sobre o sentido do que é na prática “cultura popular”, para Burke podemos compreender cultura popular¹⁰³

¹⁰³ O conceito de *cultura popular* tem atualmente uma vasta série de teóricos que a pesquisaram e lançaram a esse estudo inúmeros objetos até então não trabalhados na amíude da historiografia, além dos objetos de estudo, a temporalidade também varia, dada a complexidade do tema os trabalhos modernos considerados “clássicos” sempre trabalharam com um período histórico definido, como a Idade Média, Renascimento ou o século XIX, bem como também lançando análises sobre a transição entre esses períodos. Talvez a contribuição mais considerável do ponto de vista de levantar discussões posteriores sobre a relação da *cultura popular* e a sociedade veio no trabalho *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* de Mikhail Bakhtin (1987) publicado no início dos anos da década de 1940 e só “descoberta” pelo ocidente décadas depois. Partindo de trabalhos do escritor e religioso Rebelais Bakhtin norteou de como funcionava a relação cultural entre dois grupos sociais diferentes, a “camada popular” e os estratos sociais mais elevados da sociedade e de como esta última apropria-se de práticas e ritos que lhes eram comuns ao cotidiano e a sua mentalidade social, assim essa elite acabava por criar verdadeiras regras que eram apropriadas pelas camadas mais baixas gerando um ambiente de troca cultural. As considerações lançadas por Bakhtin vão influenciar um dos “cânones” da historiografia ocidental moderna, Carlo Ginzburg no seu clássico *O Queijo e os Vermes* (2006) seguindo algumas e essenciais diretrizes metodológicas de Bakhtin, Ginzburg norteia sua análise a partir de uma “circularidade” da cultura pelos grupos de uma sociedade que aparentemente antagônicos mas que na prática experimentam de algumas práticas comuns e realçando o papel de uma oposição popular de forma cultural aos estamentos sociais impostos pela Igreja, a nobreza e a elite letrada rompendo com algumas ideias de uma certa incapacidade dos setores sociais mais baixos de se colocar como agentes ativos da história e da cultura. Essa visão replicada na historiografia de uma dita “incapacidade” dos setores sociais mais simples de serem meros espectadores socioculturais ou mesmo alertando do perigo de uma “cultura classista” - dita superior - de misturar-se demais com aspectos populares só foi realmente combatida na historiografia contemporânea. No século XIX um importante trabalho *A cultura do Renascimento na Itália* de Jacob Burckhardt (2009) que só foi “descoberto” também décadas depois de sua publicação, representa essa antítese dos valores da *cultura popular*. Burckhardt apesar do seu enorme conhecimento sobre a Renascença italiana acabou assim por reafirmar um dito “distanciamento” entre a “cultura clássica”

como um conjunto de costumes, práticas e visões de mundo diferente daquele compreendida como cultura de elite. Essa cultura popular é extremamente vasta em seus sentidos e membros, pois a mesma cultura popular de um vilarejo italiano não é o mesmo dos costumes praticados por exemplo nos camponeses do interior da França ou Inglaterra etc. por ser tão vasta uma definição clara é difícil, porém o que as mantem unidas enquanto conceito ou ideia é a composição do seu mundo camponês ou semiurbano, de pouca educação (alfabetização), de costumes rústicos mas ricamente ornamentada por um folclore popular (do alemão folk) mas principalmente por essa oposição passiva/ativa a uma prática cultural de estratos sociais mais elevados.

Poucas regiões da Europa sofreram com a substituição cultural de forma sistemática como a cultura finlandesa experimentou, a mesma cultura que só desfrutaria de alguma efervescência cultural só a partir da metade do século XIX, contrapondo-se a nova imposição cultural vinda da Rússia. As grandes publicações impressas locais eram praticamente só em Sueco, voltados ao público burguês e aristocrático, as poucas publicações em Finlandês resumiam-se em dicionários primitivos no século XVI e XVIII, pequenos folhetos e mais diminuto ainda os jornais, dessa forma o Finlandês não possuía grandes espaços de leitura para torna-se uma língua comum a todos os setores que formavam a sociedade finlandesa.

A primeira versão publicada da Kalevala em 1835 estabelece um marco importante, pois é a publicação mais considerável em Finlandês em muitos séculos, pois essa língua só encontra espaço para sobreviver na oralidade das canções, poesias e contos populares resistindo a uma sociedade que preferia fazer o uso do Sueco.

O conjunto de poemas épicos organizados por Elias Lönnrot chamado de Kalevala reflete basicamente a simbologia e mentalidade com o sagrado do povo Finês e Carélio mais antigos, junto com as transformações culturais que sofreram por

(greco-romana) que renascia e sobrepunha-se as práticas “populares” ou “mundanas” das classes mais baixas que Burckhardt nutria pouca simpatia.

séculos e séculos. A datação mais exata das primeiras canções que deram origem a poesia organizada por Lönnrot não é certo ainda, mas tende a ser de alguns séculos antes de cristo, quando houve os primeiros estabelecimentos humanos consideráveis no sul e leste do atual território da Finlândia, algo próximo a cinco séculos antes de cristo (PENTIKÄINEN, 1989, p. 85). Há de certa forma a necessidade de diferenciar os costumes do povo fínico dos demais da Escandinávia, pois o senso comum há de tachar erroneamente toda a Escandinávia e Germânia como lar original e região totalmente voltada dos cultos Odinísticos, o que não houve na realidade com o povo Finês que possui sua origem mais antiga vinda de migrações dos Montes Urais sem nenhuma origem inicial com as tribos germano-escandinavas do norte da Europa como explicado no primeiro anteriormente, além disso também diferencia-se com os costumes formados e praticados pelos povos eslavos, sendo assim a sua gênese cultural é bastante singular e por muito tempo conservou essa separação cultural com seus vizinhos escandinavos e eslavos já que estes já foram em determinados momentos realizaram trocas culturais com os Godos, Normandos, Saxões, Mongóis etc.

O alcance dos mitos que levaram à publicação da Kalevala não restringe-se somente a cultura finlandesa e da Carélia antiga, dado que a migração para a região báltica é antiquíssima o que levou ao desenvolvimento de cultos religiosos originais e contos populares semelhantes na Estônia, assim esses povos têm nessa migração vinda dos Montes Urais sua origem étnica e por séculos após estabelecimento em torno do Báltico desenvolveram culturas próprias mas com laços e símbolos muito semelhantes. O escritor estoniano Friedrich Reinhold Kreutzwald (1803-1882) organizou, editou e publicou em 1853 o poema épico Kalevipoeg que essencialmente mantém alguns laços com a cosmogonia coletada e apresentada por Elias Lönnrot na Kalevala, porém apresenta contornos diferentes dos contos bem como personagens e lugares, dessa forma a Kalevipoeg é reconhecido como o poema épico nacional estoniano, assim como a Kalevala é para os Finlandeses.

A chegada do cristianismo começou a levar ao desuso os “ritos pagãos” ou mesmo a transforma-los, assimilando-se a personalidades importantes do rito bíblico cristão. Para Pentikäinen (1989, p. 85-86) as transformações mais consideráveis que os mitos presentes na Kalevala vai sofrer é com a conversão ao cristianismo. De aproximadamente 500 d.C. até o estabelecimento do cristianismo de fato na Finlândia algo em torno do século XII temos os mitos da Kalevala bastante maduros e com alguma homogeneização dos mitos, temos assim a “Kalevala Antiga”, com as Cruzadas de reinos teutônicos e escandinavos a partir do século XII até o século XVI temos a “Kalevala Média” com já alguns traços da assimilação do cristianismo e a “Kalevala Tardia” a partir da chegada da Reforma Protestante até a estruturação mais moderna da língua Finlandesa nos séculos XV e XVI com considerável importância dos escritos sobre a língua finlandesa do Bispo Reformista Mikael Agrícola. Estas várias “Kalevalas” tem em comum alguns pontos básicos, erijo assim para o leitor estes pontos, a) homogeneização dos mitos que eram muito díspares em cada região (sul da Finlândia e a região da Carélia), b) assimilação de valores e identidades cristãs para os mitos da Kalevala, c) formatação da língua finlandesa, d) isolamento cada vez maior dos mitos na região da Carélia garantindo assim uma certa manutenção dos mitos e contos já que áreas litorâneas do sul da Finlândia já passaram pela conversão ao cristianismo desde o século XIV.

As viagens de Lönnrot pelo interior finlandês iniciadas em 1832 possuem na prática um caráter etnográfico, pois a necessidade de coletar a grande quantidade de canções, contos e poesias populares o obriga estabelecer alguma permanência pelos locais que visitava, pois além do caráter de coleta dessas canções por exemplo era necessários também observar e coletar os costumes interioranos, com o trato com o campo, com a natureza, padrões familiares etc. que essas observações também foram levadas para os versos da Kalevala. Essa característica de trazer as práticas diárias foi comum a quase todos os propagadores e seguidores desse movimento de redescoberta da cultura popular como traz Peter Burke:

Em contraste com a “cultura erudita” [...] O que há de novo [...] em primeiro lugar, a ênfase no povo, e, em segundo sua crença de que os “usos, costumes, cerimônias, superstições, baladas, provérbios, etc.’ faziam, cada um deles parte de um todo, expressando o espírito de uma nação” (BURKE, 2010, p. 32)

Mas como preservou-se a dita cultura popular? A cultura oral e o idioma originário do povo Finlandês foi o principal meio encontrado para salvaguardar séculos de costumes e ritos tão antigos ao povo Finlandês. Lönnrot sempre buscava por meio de sua narrativa destacar o sentido familiar que essa memória mítica/mágica possuía.

O movimento destes intelectuais na prática não estava livre de críticas ou erros, podemos dizer que quase sempre seus erros estavam em considerar que a cultura, mesmo aquela “primitiva” não foi influenciada por outras, ou seja, não teve um contato cultural direto com nada, porém seu caráter puro estava longe de ser algo real, os contatos entre as culturas sempre levaram a absorção de costumes e valores. Isso é claro na construção dos mitos e costumes antigos presentes na Kalevala, ela é ao mesmo tempo permeada da simbologia cristã mas com forte base nos cultos balto-fínicos.

O processo dessa redescoberta de uma língua local, original e futuramente chamada de nacional foi demorado como inicialmente exposto anteriormente, em muitos casos só finalizado no século XIX como no caso da língua Finlandesa entre outros casos também. Podemos a partir de Anderson (2008, p.73) enumerar alguns fatos preponderantes para o fortalecimento do uso vernáculo da língua e o amadurecimento da consciência nacional de um grupo.

De início podemos citar a transformação que o Latim passou nos séculos XVI ao XVIII quando o interesse por essa língua litúrgica transformou-se em uma língua

de uso mais amplo, pois facilitava o contato com uma cultura pré-cristã (ANDERSON, 2008, p. 73), os clássicos da antiguidade redescobertos pelo Renascimento das cidades mercantis italianas foram aos poucos traduzidos para esse Latim acadêmico e artístico que finalmente tornava-se útil aos pensadores e intelectuais da época que posteriormente também irá atingir outras regiões da Europa.

A Reforma Protestante foi um segundo fator importante a ser considerado para o uso dos idiomas locais e futuramente nas delimitações de espaços físicos (fronteiras) e simbólicos (memória) nacionais (ANDERSON, 2008, p. 73-74). A difusão cada vez mais rápida das máquinas de impressão por corporações editoriais capitalistas fomentou a violência religiosa que duraria mais alguns séculos na Europa, dado que o movimento protestante daquela época fez o uso incessante das línguas vernáculas para arregimentar e unir os fiéis protestante contra Roma. A produção massiva impressa não só foi usada obviamente para a questão religiosa, a partir do século XVI até a Revolução Francesa a literatura humanista, os primeiros tratados iluministas, a confecção de dicionários, a coleta e publicações de contos populares etc. abriu um vasto campo de saberes e ideias sem paralelos com o passado, um dos últimos controles que a Igreja romana possuía foi rompido, pois tal prática custosamente também foi praticada pelos países que mantiveram uma certa fidelidade a papado romano.

Por fim, tivemos uma das mais complexas situações que o nacionalismo ainda que primitivo começou a impor as sociedades, a imposição da língua vernácula (ANDERSON, 2008, p. 75) a essas “nações” nascentes. Esse processo apesar de inerente a todos os projetos nacionalistas foi praticado em diferentes lugares e velocidades de implementação, países como a França, Inglaterra e Espanha foram aqueles que de fato podemos observar na prática como pioneiros. A partir da metade do século XIX em diante o Finlandês começa finalmente despontar como a língua a ser ensinada em escolas e usadas na administração local, a Alemanha e a Itália unificadas realizaram o mesmo no final do século XIX. Do final do século XV até o

final do século XIX diferentes países e povos experimentaram essa prática de uma imposição linguística geral em detrimento dos dialetos regionais que os países porventura tinham.

É importante assim compreender a importância que foi feita da língua finlandesa (ou finesa) no seu uso e simbolismo dentro da Kalevala. Uso aqui a análise de Eric Hobsbawm sobre a diferença de “tradição” e “costume”. No decorrer do texto retomarei a questão da linguística sob o ponto de vista de ser um objeto nacionalista finlandês, mas agora a análise se dará sobre o aspecto cultural do uso da língua e como ela foi usada dentro do limite de “costume” e “tradição”. Hobsbawm traz o seu conceito de “tradição inventada” dessa forma:

“Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regra tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM, 1997, p. 9)

Dessa forma “tradição” é algo que foi inventado com aspecto de antigo no tempo desde o seu estabelecimento, por exemplo o ritual da coroação do rei ou rainha da Inglaterra (depois da Grã-Bretanha), o Conclave da escolha papal e até tradições recentes como as homenagens ao “soldado desconhecido” nas comemorações do fim das duas grandes guerras, o importante assim não é a idade que uma certa tradição tem, mas sim a ideologia ou simbologia da repetição a partir da repetição sistemática. “Costume” difere bastante da “tradição”, pois a precede cronologicamente e não é tão sistematizado na sua prática, ou seja é variável como explica Hobsbawm:

“O costume, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede inovações e pode até mudar até certo ponto, embora

evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção de precedente, continuidade histórica e direitos naturais (...) O costume não pode e dar ao luxo de ser invariável. (HOBSBAWM, 1997, p. 10)

Tomando assim as diferenças já estabelecidas por Hobsbawm podemos perceber que na Kalevala organizada por Elias Lönnrot sua intencionalidade que caminha para uma “tradição” a ser estabelecida pelos escritos épicos da Kalevala, o uso sistemático do Finlandês.

É importante deixar claro que a língua finlandesa era falada amplamente pela população interiorana, camponeses, criadores de renas e lenhadores etc., mas não era prática comum na burocracia e mesmo pelos representantes das elites locais era a segunda ou terceira língua, o sueco e o russo eram as línguas de relações sociais e públicas, comércio e de serviço militar. Se o panorama da língua no seu sentido fonético era desolador aos olhos de Lönnrot, a escrita da mesma era trágica e conhecida por muitos poucos.

A questão linguística não era o fator complexo somente na Finlândia, mesmo em outros países da Europa o idioma era permeado por um retalho de dialetos, ou seja, não havia uma língua fonética e de escrita padronizada. O Francês falado em Paris era bastante diferente daquele falado na Normandia ou na Córseica, o Português falado no centro-sul de Portugal era bastante diferente se comparado daquele que era falado no norte do país, em suma, foi só no século XIX que temos a padronização da língua, esta quando foi usada como ideologia política assumiu a alcunha de “língua nacional” e isso era ainda mais complexo quando em vez de dialetos e variações linguísticas existem línguas totalmente estranhas dentro de um território dito nacional, como o Catalão e Basco na Espanha ou o Galês, Escocês e Irlandês na Grã-Bretanha

O idioma Finlandês foi estabelecido aos poucos, a partir de inúmeras revisões, reedições, principalmente após 1850 percebe-se o esforço de fazer a elite do Grão-Ducado da Finlândia a começar a falar e escrever em Finlandês como língua materna, isso perdura até o início do século XX (SAUVAGEOT, 1971, p. 98) quando boa parte da população já fazia o uso da língua vernácula, podendo assim finalmente falar em uma nação Finlandesa aos olhos de seus defensores.

Podemos afirmar que a língua também é um objeto da tradição como foi proposta por Hobsbawm e no caso da Finlândia é uma tradição inventada para um grupo social dominante de elite local, estabelecendo assim uma estrutura sociocultural de semelhança para com as populações economicamente mais simples, porém estas populações menos abastardas já eram foneticamente fluentes em Finlandês - a prática do “costume” explicado por Hobsbawm anteriormente - e de onde Lönnrot retirou as canções populares e as levou a esse estrato social elevado.

Podemos assim lançar com alguma certeza que o “projeto” a cabo por Lönnrot teve no seu fim uma ideia muito clara nos seus contornos finais, de levar a um setor social uma “redescoberta” de sua origem, e de na prática lançar uma contraposição a elitização estrangeira que a cultura burguesa e aristocrática da Finlândia havia construído em torno de si por séculos de dominação. Sabemos que a Kalevala a partir das exposições feitas anteriormente que é uma organização de poesias, canções e contos populares contados a Elias Lönnrot por pessoas do campo, rústica nos costumes e no conhecimento das letras, mas ricamente tinha sua memória preenchida por gerações e gerações desses mantenedores de um cultura mais antiga e oral, dado assim seria até inútil do ponto de vista prático levar as canções da Kalevala de forma escrita para populações simples que já a conheciam com uma outra linguagem, com os aspectos da oralidade.

As imagens construídas sobre o passado são umas das artimanhas mais comuns para facilitar a construção do ideário de uma nação. Quase sempre são imagens do presente sobre o passado e não imagens do passado trazidas para a luz do

presente. A partir disso, podemos perceber que essa era de “redescobertas” que passou a Finlândia a partir da segunda metade do século XIX foi na prática uma reconstrução da memória do grupo, não algo enquanto uma busca de práticas que seriam antiquadas no presente mas sim uma tentativa de descobrir-se o que se tornaram de fato após dezenas de séculos que a cultura local recebeu influências de terceiros. As imagens produzidas na literatura que agora era abertamente realizada em língua finlandesa reafirmavam o caráter que os finlandeses interessadamente queriam erigir em torno da sua comunidade, o romantismo do século XIX é uma das chaves para a compreensão da identidade finlandesa. A Kalevala dessa forma seria o símbolo original de uma nação e uma identidade finlandesa, o grande depósito de imagens construídas através de milênios pelos membros da comunidade, uma pálida imagem poética do que um dia já foram.

Considerações Finais

A partir das análises sobre cultura popular podemos agora nortear que a organização dos contos e canções populares feitas por Elias Lönnrot fez parte de um amplo processo desencadeado por etnógrafos e literatos na busca pela redescoberta das raízes da cultura nas suas características mais originais. Os fenômenos da era moderna aos olhos destes pesquisadores itinerantes da cultura acabaram por prejudicar a cultura popular tradicional, renegando-a a um papel de menosprezo em uma sociedade onde as práticas elitizavam-se e geravam barreiras aos contatos socioculturais entre os diversos estratos sociais que em uma sociedade anterior a era moderna não presenciava uma cisão tão clara nas práticas e mentalidades que formavam a cultura até então.

A partir de Hobsbawm, usando do conceito tradição e costume por ele proposto, lançamos uma análise sobre outra questão básica a Kalevala que foi o uso

do idioma Finlandês. Apesar de ser uma língua vernácula o Finlandês até o século XIX não foi unanimidade enquanto seu uso, fato surgido com a conquista entre os séculos XI e XIII pelos suecos quando o idioma original do povo finês foi sistematicamente substituído pelo Latim e posteriormente pelo Sueco como a língua dos setores abastados da sociedade local, bem como para a produção de livros e jornais locais. A visão criada sobre o Finlandês a denominava como arcaica, gutural senão pagã, só sobreviveu nas classes sociais mais simples que viviam nas poucas cidades e predominava no interior do país, onde seus falantes eram os moradores que viviam nos campos, vilas e florestas. Podemos assim relacionar que o uso do Finlandês foi uma tradição inventada para a elite finlandesa, por diversos movimentos culturais que se espalhavam nos meios intelectuais locais, tal empreendimento foi construído no período de maior efervescência cultural, a partir da metade do século XIX, quando a Finlândia ao mesmo tempo que desfrutava de um certa autonomia em relação ao Moscou também recebia uma forte influência da cultura russa que deseja suplantar as raízes culturais suecas e finlandesas historicamente erigidas por séculos, o Finlandês enquanto língua era de fato costume apenas para as classes mais baixas.

No mesmo século XIX tivemos o florescimento do ideário nacionalista dominando movimentos políticos em diversos lugares do mundo, o termo nação começa a tomar corpo e propõem-se a abarcar as mais diversas classes sociais e movimentos políticos que antes enxergavam-se separados ou mesmo sem nenhum laço de similaridade. O espaço (território) e a língua (vernácula) eram “novidades” que foi astuciosamente absorvido nos movimentos nacionalistas, e isso não foi diferente na Finlândia. O romantismo oitocentista Finlandês foi determinante na construção do arquétipo nacional Finlandês, da sua identidade, e principalmente na compreensão do seu espaço dito nacional. Não ter uma identidade em um século em que as identidades eram construídas no mínimo seria um fenômeno raro. Identidade no caso Finlandês foi uma construção de sentidos para um grupo que aos olhos de uma casta acadêmica esqueceu o que era o ser Finlandês.

A Carélia atual é uma imagem um pouco desalentadora se comparada ao passado, tantos séculos de separação imposta moldou gerações de Carélios estranhos um ao outro, a comunidade Finlandesa estranha os hábitos daqueles que habitam o território russo. Irônico se pensarmos que foi na parte russa da Carélia, que boa parte da poesia presente na Kalevala foi coletada por Elias Lönnrot e está serviu como símbolo de um nacionalismo e identidade que se formava. Hoje, praticamente todo o povo carélio vive na porção russa, e não em todas as áreas do antigo território original.

Imaginar uma nação sem uma memória que explique e realce (ou mesmo crie) momentos históricos obviamente é algo que não existe, nações acima de tudo vivem de memórias e práticas cotidianas que geralmente remontam a primeira. O século XIX é antes de tudo a aurora do nacionalismo, este soube muito bem fazer o uso da memória.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas** - Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BURKER, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FUENTE, José Andrés Alonso de la. Notícias sobre linguística histórica (I). **Anuario del Seminario de filologia Vasca**. Vitoria-Gasteiz, v. 41 n. 1 2007. <<http://www.ehu.eus/ojs/index.php/ASJU/article/view/4325/4415>> Acessado em 15 de maio de 2016. ISSN: 0582-6152.
- HOBSBAWM, Eric. J. RANGER, Terence (org). **A invenção das tradições**. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- KLINGE, Matti. **Breve História da Finlândia**. 1989.
- KIRKINEN, Heikki. As relações culturais com o Leste. In.: GALLEN, Jarl et al. (orgs.) **A Finlândia ontem e hoje**. Rio de Janeiro, 1971.
- LANGER, Johnni. **Deuses, monstros, heróis: ensaios de mitologia e religião viking**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.
- LÖNNROT, Elias. **Kalevala**. Tradução: Orlando Moreira. Lisboa: Ministério dos Livros Editores, 2007.
- OLIVEIRA, J. Gauberto. **Panorama literário e artístico da Finlândia**. São Paulo, 1949.
- PENTIKÄINEN, Juha Y. **Kalevala mythology**. Tradução: Ritva Poom. Bloomington: Indiana University Press, 1989.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SAUVAGEOT, Aurélien. A língua Finesa In.: GALLEN, Jarl et al. (orgs.) **A Finlândia ontem e hoje**. Rio de Janeiro, 1971.